

1  
2  
3  
4



MINISTÉRIO DA SAÚDE  
CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE

**ATA DA CENTÉSIMA DÉCIMA QUARTA REUNIÃO ORDINÁRIA DO CNS**

7 **ABERTURA** - Aos sete e oito dias de novembro, de dois mil e um, na sala de reunião “Conselheiro  
8 **Omlton Visconde**”, do Conselho Nacional de Saúde, teve início a Centésima Décima Quarta Reunião  
9 Ordinária, do CNS. **INFORMES: 01) Destaques de pauta:** O Coordenador **Nelson Rodrigues dos**  
10 **Santos** destacou os itens de pauta referentes a: **1) “Acreditação Hospitalar e Gestão de Sistema”;** **2)**  
11 **“Estruturação das Atividades de Educação em Saúde no SUS”;** **3) “Canal-Saúde”;** e **4) “Controle da**  
12 **Tuberculose e Eliminação da Hanseníase”.** **02) Relato da Audiência com o Deputado Ursicino**  
13 **Queiroz, Presidente da Frente Parlamentar da Saúde:** O Coordenador **Nelson Rodrigues dos**  
14 **Santos** informou que o Deputado **Ursicino Queiroz** apresentara Projeto de Lei Complementar à EC nº  
15 29, que passaria a vigorar a partir de 2005, solicitando ao CNS que se engajassem e se mobilizassem pela  
16 aprovação do referido Projeto junto aos parlamentares. **03) X Plenária Nacional de Conselheiros de**  
17 **Saúde: Providências Organizacionais:** Conselheira **Ana Maria Lima Barbosa** submeteu aos  
18 Conselheiros a versão final do Regimento Interno da X Plenária Nacional de Conselhos de Saúde.  
19 Além disso, solicitou posicionamento dos CNS no que se refere à questão da representação do  
20 Conselho Estadual do Pará. Acrescentou que a Comissão Organizadora aguardava a contribuição das  
21 entidades representadas no CNS, no que tange à questão da infra-estrutura do evento, solicitando o  
22 envolvimento dos conselheiros nesse sentido. **04) Reunião dos Conselheiros Coordenadores das**  
23 **Comissões/CNS: Agendamento e Pauta:** O Coordenador **Nelson Rodrigues dos Santos** informou  
24 que fora agendada para o dia 20 de novembro de 2001 a reunião com os Conselheiros Coordenadores  
25 de Comissões do CNS, objetivando debater sobre a disciplinação e funcionamento das mesmas, com  
26 base no documento elaborado pelo Conselheiro **Solon Vianna**, que seria submetido ao Plenário na  
27 presente reunião. **05) Relato da Audiência com o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Moreira**  
28 **Alves, relator da Ação Direta de Inconstitucionalidade - ADIN – proposta pela AMB, contra o**  
29 **Parecer da Advocacia Geral da União sobre a EC nº 29:** Conselheiro **Olympio Távora** fez o relato  
30 da audiência da Comissão de Conselheiros do CNS com o Ministro **Moreira Alves**, que informara que o  
31 material havia sido encaminhado e submetido à Advocacia Geral da União, sendo aguardada a  
32 manifestação daquele órgão. **06) Ação de Cobrança, proposta por partidos da oposição ao**  
33 **Supremo Tribunal Federal – STF, sobre contingenciamentos e restos a pagar do orçamento do**  
34 **Ministério da Saúde:** O Coordenador **Nelson Rodrigues dos Santos** explicou que a ação de  
35 cobrança proposta ao Supremo Tribunal Federal referia-se a: **1)** suplementação do orçamento da  
36 saúde de 2001, da ordem de quinhentos e oitenta e dois milhões de reais, em função do cumprimento  
37 da ADIN; **2)** contingenciamento de seiscentos e setenta milhões de reais, em 2001, oriundo de Decreto  
38 Presidencial; **3)** contingenciamento de “restos a pagar” do exercício de 2000 para o exercício de 2001,  
39 da ordem de dois bilhões de reais. **07) Diretrizes e Estratégias para a Pesquisa e Desenvolvimento**  
40 **Tecnológico do Setor Farmacêutico: Seminário de Consensualização, de 31/10/2001:** Conselheiro  
41 **Mozart de Abreu e Lima** informou que o Grupo Executivo elaborara relatório, em função dos trabalhos  
42 efetuados pelos Grupos de Consulta. Com base no referido relatório fora, então, realizado um  
43 Seminário de Consensualização sobre as Diretrizes e Estratégias para a Pesquisa e Desenvolvimento  
44 Tecnológico do Setor Farmacêutico, em 31 de outubro de 2001, no Auditório da OPAS. Sobre o  
45 Seminário, destacou os seguintes pontos: **1)** definição do objeto do projeto; **2)** conceitualização de  
46 “empresa inovadora”; **3)** inclusão de produtos “fitofármacos” como componentes de produtos  
47 fitoterápicos; **4)** identificação de fontes internacionais de financiamento para o desenvolvimento  
48 tecnológico, com contrapartida nacional de empresas e centros tecnológicos; **5)** viabilização do poder  
49 de compra do estado; **6)** desenvolvimento de proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e  
50 Medicamentos Fitoterápicos, sob a coordenação do Ministério da Saúde; **7)** manutenção de  
51 mobilização, conforme a convocada pelo CNS, com vistas à aprovação e implementação das medidas  
52 recomendadas. **08) O caráter de representação do CNS em outros órgãos colegiados:** O  
53 Coordenador **Nelson Rodrigues dos Santos** informou que vários órgãos colegiados do Ministério da  
54 Saúde e de outros Ministérios vinham solicitando a representação do Conselho Nacional de Saúde em  
55 suas respectivas composições. Nesse sentido, submeteu aos Conselheiros o documento elaborado  
56 pela Secretaria Executiva do Conselho, objetivando instruir os demais órgãos colegiados sobre o  
57 caráter da representação do Conselho Nacional de Saúde. Colocado em apreciação, o documento foi  
58 aprovado. **09) Tramitação do Projeto de Lei nº 449/99 no Senado Federal: “Recursos Extra-**  
59 **Orçamentários para os Hospitais Universitários e de Ensino Públicos”:** O Coordenador **Nelson**  
60 **Rodrigues dos Santos** informou os Conselheiros sobre a necessidade de adequação da Deliberação  
61 nº 06/CNS, de 06 de setembro de 2001, em função da versão final do Projeto de Lei nº 449/99,  
62 aprovada pela Comissão de Assuntos Sociais do Senado Federal, em sua reunião do dia 04/04/2001.  
63 Conselheiro **Sérgio Magarão** considerou que o referido Projeto de Lei, que altera o artigo 43 da Lei nº  
64 8.080, de 19 de setembro de 1990, possibilitava aos Hospitais Universitários uma melhor condição de  
65 funcionamento. Conselheiro **Mário Scheffer** não concordou com a necessidade de reformulação da  
66 deliberação nº 06/CNS, informando que a representação de portadores de deficiências e patologias do

67 CNS havia efetuado suas discussões à luz da segunda versão do Projeto de Lei, apresentada na  
68 reunião do dia 04/04/2001. O tema foi pautado para a próxima reunião do CNS, objetivando aprofundar  
69 as discussões. **10) Princípios e Diretrizes para a NOB/RH: Andamento da Organização de Oficina**  
70 **de Trabalho:** O Coordenador **Nelson Rodrigues dos Santos** informou que, conforme aprovado pelo  
71 CNS, seria realizada Oficina de Trabalho para debater sobre os pareceres apresentados ao documento  
72 “*Princípios e Diretrizes para a NOB/RH*”. Nesse sentido, informou que a Secretaria Executiva estava  
73 providenciando junto aos diversos Ministérios e Entidades envolvidas no tema “*Recursos Humanos*” o  
74 agendamento de data convergente para a realização da referida Oficina, esperando que a mesma  
75 ocorra ainda neste ano. **11) Avaliação da Atuação do CNS na Gestão Nacional do SUS nos anos**  
76 **2000 e 2001: Balanço das deliberações mais importantes para a construção do SUS e mudança**  
77 **do Modelo de Atenção à Saúde:** Informe não apresentado. **12) Relatórios Finais das Oficinas de**  
78 **Trabalho, sua importância para a Construção do SUS e mudança do Modelo de Atenção à**  
79 **Saúde:** Informe não apresentado. **13) CISAMA/CNS: participação em eventos afins e parecer**  
80 **sobre o relatório “Adolfo Marinho”:** Informe não apresentado. **14) CIST – Seminário sobre Saúde**  
81 **do Trabalhador:** Informe não apresentado. **15) CISI – Teledebate:** Inicialmente, a Conselheira **Zilda**  
82 **Arns** submeteu aos Conselheiros a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, que  
83 foi aprovada pelo Plenário do CNS e, em seguida, cientificou os Conselheiros sobre a realização de  
84 Teledebate sobre saúde indígena, a ser realizado no dia 09/11/2001, que contava com o apoio do  
85 Canal Saúde, da FIOCRUZ, da FUNAI e do DATASUS. **18) Conferência Nacional de Vigilância**  
86 **Sanitária: Acompanhamento da Organização:** O Dr. **Eduardo Nakamura** informou que, conforme  
87 deliberado na 113ª Reunião Ordinária do CNS, a Comissão Organizadora Ampliada da Conferência  
88 Nacional de Vigilância Sanitária reunira-se, com o intuito de discutir sobre: a composição da delegação  
89 federal; a representação dos trabalhadores nas delegações estaduais; e proposta de regulamento da  
90 Etapa Nacional. Conselheira **Gysélle Saddi** indagou o porquê da não inclusão da Sociedade Brasileira  
91 de Queimaduras na relação apresentada. O Dr. **Eduardo Nakamura** disse não ter a resposta naquele  
92 momento, contudo, esclareceu que todas as entidades sugeridas pelos Conselheiros haviam sido  
93 contatadas. Foi apresentada ao CNS a lista de entidades de usuários que estarão representadas na  
94 Conferência Nacional de Vigilância Sanitária, que após as devidas adequações, foi considerada  
95 aprovada. **21) Atualização da Resolução nº 33/CNS:** Conselheiro **Edmundo Fontes** comentou que o  
96 Grupo de Trabalho considerara importante agregar as sugestões decorrentes da X Plenária Nacional  
97 de Conselhos de Saúde, apesar da recomendação do CNS de que fosse submetida versão final da  
98 Resolução nº 33 àquela Plenária. Conselheira **Maria Lêda Dantas** comunicou que o Grupo de trabalho  
99 iria reunir as sugestões encaminhadas pelas diversas entidades representadas no CNS e, transformá-  
100 las em documento único, a ser apresentado à X Plenária Nacional de Conselhos de Saúde.  
101 Conselheira **Gysélle Saddi** solicitou o encaminhamento, com antecedência, do material a ser  
102 apresentado na Plenária, aos Conselheiros Nacionais de Saúde. **ITEM 02 – DISCIPLINAÇÃO DO**  
103 **FUNCIONAMENTO DAS COMISSÕES E GT/CNS –** Conselheiro **Sérgio Magarão**, tomando como  
104 base a proposta apresentada pelo Conselheiro **Solon Vianna**, de que o Conselho Nacional de Saúde  
105 adotasse, de forma transitória, normas internas suplementares ao Regimento Interno, corrigindo as  
106 distorções encontradas esclarecendo as contradições, corrigindo as ambigüidades e, tornando, assim,  
107 o texto mais claro e mais factível de ser cumprido. Lembrou que haviam sido propostas medidas  
108 normativas quanto à composição, coordenação, funcionamento e disposições gerais das Comissões e  
109 GT's do CNS. Acrescentou que, das medidas apresentadas, duas deveriam merecer maior atenção do  
110 Plenário, pelo fato de serem polêmicas: **a)** a composição das Comissões; **b)** que nenhum Conselheiro  
111 pode integrar, simultaneamente, mais de duas Comissões Permanentes. Considerou, ainda, que as  
112 demais normas operacionais propostas, objetivando, simplesmente, um melhor cumprimento do  
113 Regimento Interno, disciplinando o funcionamento das suas Comissões e Grupos de Trabalho, não  
114 eram menos importantes que as duas destacadas, contudo, não causavam discussões polêmicas.  
115 Conselheiro **Olympio Távora** comentou que houvera engano durante a formulação do Regimento  
116 Interno no que tange à composição das Comissões Intersetoriais Permanentes. Colocou que as  
117 Comissões Intersetoriais deveriam ser compostas por até nove membros e não “*Conselheiros*”, como  
118 consta do Regimento Interno. Conselheiro **Edmundo Fontes** lembrou que o Regimento Interno não  
119 contemplava as Comissões de Caráter Especial, sugerindo que o mesmo fosse adequado à realidade  
120 do Conselho Nacional de Saúde. Conselheira **Zilda Arns** lembrou que as disposições constantes do  
121 Regimento Interno haviam sido debatidas e consensuadas e, portanto, as adequações deveriam  
122 obedecer o mesmo processo. Conselheira **Gysélle Saddi** considerou o momento oportuno para que o  
123 CNS procedesse à revisão do Regimento Interno. Conselheira **Cibele Guerresi de Mello Osório**  
124 observou que a quantidade de membros das Comissões e GT's estava relacionada à especificidade e  
125 complexidade do tema a ser tratado. Conselheira **Maria Natividade Gomes Teixeira Santana**  
126 concordou com essa colocação, observando que o CNS deveria aprofundar discussão sobre a

possibilidade de renovação dos membros das Comissões e Grupos de Trabalho. Conselheira **Maria Lêda Dantas** apontou a necessidade de debate sobre a intersectorialidade das Comissões, o papel dos organismos internacionais nas Comissões e, também, sobre a análise da produtividade e custos de cada Comissão e Grupo de Trabalho do CNS. Conselheiro **Gilson Cantarino** concordou com a colocação da Conselheira **Zilda Arns**, lembrando que a determinação do número de membros das Comissões não fora baseada apenas nas despesas decorrentes, mas, também, das pressões corporativas que ocorreram em algumas Comissões. Disse, ainda, que o Conselho deveria ter flexibilidade para acolher questões políticas no que se refere ao número do membros. Conselheiro **Olympio Távora** destacou que as Comissões funcionavam como órgãos assessores ao Conselho e ponderou que os Grupos de Trabalho eram como comissões transitórias de estudo. Acrescentou que a intersectorialidade das Comissões implicava na redução do número de Conselheiros nas respectivas composições. Concluindo, observou que o Regimento Interno previa a convocação de assessores técnicos que não eram considerados membros efetivos das Comissões. Conselheiro **José Carvalho de Noronha** indagou sobre o procedimento a ser utilizado para regularizar as Comissões do CNS que não haviam sido convocadas pelo Ministério da Saúde e sugeriu a criação de Comissões Especiais, com caráter e composição diferenciados, para tratar de temas específicos. Conselheiro **Artur Custódio M. de Sousa** disse que deveria ser avaliada a produtividade das Comissões e Grupos de Trabalho e, também, dos Conselheiros que tinham participação em mais de uma Comissão ou GT. Conselheiro **Carlyle G. Macedo** pontuou as seguintes questões: **1)** heterogeneidade e especificidade de cada Comissão do CNS, inclusive as intersectoriais, considerando impossível numa recomendação única para todas; **2)** necessidade de revisão do Regimento Interno do CNS; e **3)** não há necessidade urgente de revisão da composição, o que pode ser ajustada como resultado da revisão do Regimento.

**\* Não consta na fita a deliberação final sobre este item. ITEM 04 – PESQUISA SOBRE ALOCAÇÃO DE RECURSOS NO SUS – Dra. Sílvia Porto**, representante da ENSP/FIOCRUZ, fez abordagem sobre o financiamento da saúde, sob a ótica da distribuição geográfica de recursos financeiros, buscando um sistema equitativo de distribuição. Destacou, então, os seguintes aspectos: **1)** o conceito de equidade implícito na legislação brasileira: igualdade de oportunidade de acesso às ações e serviços de saúde; **2)** distribuições desiguais de recursos, produto de ajustes efetuados em função dos fatores determinantes das desigualdades existentes; **3)** distribuição geográfica de recursos financeiros, tratando separadamente despesas de capital (investimento); **4)** para cada tipo de serviço de saúde: população, ajuste por desigualdades nas estruturas de sexo e idade, ajuste por desigualdade nos custos de tratamento das diferentes faixas populacionais, ajuste por um proxy de necessidades, adotando um indicador epidemiológico, criando um indicador composto a partir de um conjunto de variáveis epidemiológicas e sócio-econômicas (análise de componentes principais). Conselheiro **José Carvalho de Noronha** elogiou o trabalho apresentado pela Dra. Sílvia Porto, sugerindo que o mesmo fosse distribuído aos gestores estaduais e municipais de saúde. Conselheiro **Gilson Cantarino** observou que a maior dificuldade encontrada pelos gestores era desenvolver sistema de alocação de recursos que contemplasse a questão da desigualdade, considerando que essa ficava evidenciada, também, no município. Nesse sentido, comentou que o grande desafio da Política de Alocação de Recursos era estabelecer regras transparentes, contemplando os indicadores epidemiológicos e sociais. Conselheiro **Solon Vianna** salientou que o modelo proposto de alocação de recursos buscava o fim de decisões casuísticas tomadas em função de pressões políticas regionais, que nem sempre levavam em consideração as necessidades da população.

**ITEM 05 - ACREDITAÇÃO HOSPITALAR E GESTÃO DE SISTEMA - Dr. Fábio Gastal**, representante da Organização Nacional de Acreditação, agradeceu a oportunidade de apresentar as atividades do Sistema Brasileiro de Acreditação e, também, sobre a Organização Nacional de Acreditação. Em seguida, o **Sr. Plínio Toledo** falou sobre a preocupação com a qualidade do serviço de saúde, ao longo do processo de implantação do SUS no Brasil e o estágio atual do Sistema Brasileiro de Acreditação, sua perspectiva metodológica e operacional. Destacou os seguintes pontos: **1)** histórico da evolução da preocupação com qualidade em saúde; **2)** fundamentos metodológicos da acreditação e da qualidade; **3)** pilares do modelo da qualidade; **4)** criação da Organização Nacional de Acreditação; **5)** criação do Sistema Brasileiro de Acreditação; **6)** metodologia do Sistema Brasileiro de Acreditação; **7)** resultados possíveis das unidades avaliadas; **8)** situação atual (após a criação da ONA). Conselheiro **Henrique de Mesquita** elogiou a exposição e comentou que a criação da ONA era ponto culminante de um processo desenvolvido ao longo de dez anos, com vistas à melhoria da qualidade dos serviços de saúde no Brasil. Conselheiro **Carlos Alberto Preto** ponderou que a ONA era instrumento importante para identificar a heterogeneidade dos prestadores de serviço em todo país. Conselheiro **Solon Vianna** indagou se o processo de acreditação das unidades hospitalares poderia influenciar a remuneração dos serviços privados de saúde. Indagou, ainda, se a ONA dispensava o mesmo tratamento para hospitais públicos e privados e, ainda, a origem dos recursos financeiros da

ONA. Conselheiro **Sérgio Magarão** indagou como os hospitais deveriam apresentar-se, no âmbito da organização da gestão, para ser acreditado pela ONA. O **Sr. Plínio Toledo** esclareceu que a ONA não estabelecia diferenciação entre unidades hospitalares públicas e privadas. Esclareceu, também, que a ONA era financiada pelos seus sócios e que havia, atualmente, um déficit orçamentário, oriundo da participação do setor público. Concluindo, comentou que até o presente momento a questão da acreditação não influenciava a remuneração dos hospitais, mas, que ao seu ver, em um futuro próximo isso deveria ocorrer.

**ITEM 07 – ESTRUTURAÇÃO DAS ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO SUS** - **Dra. Márcia Turcato**, representante da FUNASA, observou que a ação 2.4 – “*Estruturação das Atividades de Educação em Saúde no Âmbito do SUS*”, da FUNASA, tinha por finalidade orientar as atividades de educação, visando sua integração às ações de prevenção e controle de doenças e agravos à saúde para melhorar a qualidade de vida da população. Em seguida, **Dr. Onivaldo Coutinho**, também da FUNASA, considerando “*Educação em Saúde*” como um conjunto de práticas pedagógicas e sociais, de conteúdo técnico, político e científico, que no âmbito das práticas de atenção à saúde, devem ser compartilhadas pelos trabalhadores da área, pelos setores organizados da população e consumidores de bens e serviços de saúde, destacou as diretrizes da Política de Educação em Saúde da FUNASA e, também, teceu comentários sobre as competências das três esferas de governos, com base nessas diretrizes. Concluindo, lembrou que para que as ações de promoção à saúde sejam realizadas com êxito, é necessário que as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde estruturem suas áreas de educação em saúde. Recomenda-se que, tanto estados como municípios, contem com uma equipe mínima de educadores com perfil compatível com as especificidades das áreas, com insumos e recursos financeiros adequados para o planejamento, execução, acompanhamento, registro e avaliação das ações educativas voltadas para a promoção da saúde e controle de doenças e outros agravos à saúde com o objetivo de elevar a qualidade de vida da população. A mobilização social, neste contexto, é uma das estratégias de atuação utilizada no trabalho de Educação em Saúde para o desenvolvimento de atividades, que envolvem a sociedade na busca da solução de seus problemas de saúde. A **Sra. Maria do Socorro**, representante da Secretaria de Políticas de Saúde-SPS/MS considerou importante o processo de mobilização social, contudo, observou que fora discutida a possibilidade de elaboração de proposta conjunta entre SPS e FUNASA, visando constituir proposta conjunta, ampliada para ações de promoção geral. Conselheiro **Maria Natividade Gomes Teixeira Santana** solicitou esclarecimentos sobre como seria dada a interface da proposta apresentada com a educação fundamental. Conselheiro **José Carvalho de Noronha** cumprimentou o trabalho da FUNASA, porém, manifestou a sua preocupação com a fragmentação da Política de Educação em Saúde, do Ministério da Saúde. Conselheira **Maria Lêda Dantas** indagou como se dava o relacionamento da proposta da FUNASA com o Ministério da Educação, que possuía setor específico para tratar do tema, e também, com a UNESCO e com a OPAS. Questionou, também, se estava prevista a interface do projeto com os profissionais de saúde do SUS. Conselheiro **Gilson Cantarino** argüiu se a proposta fazia parte da Política de Educação em Saúde, do Ministério da Saúde. Conselheira **Zilda Arns** perguntou como estava prevista a integralidade da “*educação em saúde*” proposta pela FUNASA nas ações de saúde em geral. Conselheiro **Carlyle G. Macedo** comentou que uma das funções reconhecidas como próprias do estado democrático era a construção da cidadania através da educação e informação, contudo, ponderou que essa função vinha sendo exercida por alguns estados como estratégia de *marketing*. Parabenizou a iniciativa da FUNASA, de atuação em seu campo de ação, mas, lembrou a necessidade de integração com as ações do Ministério da Saúde cuja responsabilidade nessa área necessita ser assumida. **Dra. Márcia Turcato** comentou que o projeto representava uma sugestão de estruturação da área de “*educação em saúde*”, no âmbito do SUS, considerando as peculiaridades da atividade da FUNASA, tendo em vista ser esta instituição órgão executivo do Ministério da Saúde. Quanto à interface com outros órgãos, comentou que esta não se limitava à SPS/MS, mas, estendia-se aos Ministérios da Educação, Meio-Ambiente, Justiça e Transportes. A **Sra. Maria do Socorro** acrescentou que fora assinada Portaria Interministerial, entre Ministério da Saúde e Ministério da Educação, visando ampliar as ações de educação em saúde, onde estava inserida a questão da educação fundamental. O Plenário do CNS decidiu que deveria cumprir o seu papel de formulador de políticas e, portanto, com base na proposta apresentada, iria discutir e elaborar as diretrizes para uma Política de Educação em Saúde. Conselheiro **Climério Rangel** sugeriu a reativação do Grupo de Trabalho que trata de Humanização do Atendimento para tratar sobre o tema apresentado.

**ITEM 09 – CANAL-SAÚDE/FIOCRUZ: PROPOSTA INICIAL DE COOPERAÇÃO:** **Dr. Arlindo Fábio Gomes**, Diretor do Canal Saúde, comentou que o referido canal tinha por objetivo atender às deliberações de diversas Conferências Nacionais, inclusive, as da 11ª Conferência Nacional de Saúde, sobre a relevância e importância da informação, da educação e da comunicação para a implantação do SUS no Brasil. Disse, ainda, que o Canal Saúde permitia trabalhar temas importantes da área da saúde que não eram necessariamente

apresentados pela mídia nacional. Lembrou da importância da atuação do Conselheiro **Geraldo Adão** pela aprovação da Moção n.º 34 do CNS, durante a 11ª Conferência Nacional de Saúde, referente à ampliação da capacidade de difusão do Canal Saúde. Concluindo, informou que os programas do Canal Saúde estavam sendo veiculados não só no Brasil, mas, em vinte e nove países, contando com duzentos e oitenta emissoras de televisão de língua portuguesa, além de estarem disponíveis na internet e apresentou proposta de que houvesse programa mensal no Canal Saúde, referente ao Conselho Nacional de Saúde. Conselheiro **Geraldo Adão** apresentou as seguintes propostas: **1)** que o Brasil venha a ter um canal de televisão voltado para a educação continuada em saúde; **2)** estabelecer acordo entre Ministério da Saúde e Ministério da Educação para que a saúde seja incluída nos currículos escolares de todos os níveis, sendo o Canal Saúde o difusor dessa disciplina; e **3)** que o Canal Saúde seja importante meio de divulgação do SUS e do Sistema para com a sua clientela. Sobre a proposta de veicular programa mensal sobre o CNS e o controle social, os Conselheiros solicitaram que fosse consultada a Assessoria de Comunicação do Conselho Nacional de Saúde. **ITEM 11 – RELATO DA COMISSÃO DE ORÇAMENTO E FINANCIAMENTO** - Prof. **Elias Jorge** fez a apresentação do Relatório da Reunião da Comissão do CNS de Orçamento e Financiamento, realizada em 06 e 07 de novembro de 2001, destacando os seguintes itens: **I)** Execução Orçamentária e Financeira do Ministério da Saúde e da União de 2001; **II)** Análise da COFIN/CNS sobre a dotação orçamentária do Ministério da Saúde sob a ótica da EC nº 29; **III)** sugestões e encaminhamentos ao Plenário: **1)** considerar as Resoluções do CNS nº 67, de 05/08/1993 e nº 290, de 06/05/1999, como parâmetros gerais e diretrizes básicas para avaliação da Proposta Orçamentária do MS/2002, tendo como referência para o financiamento a EC nº 29), com vistas ao encaminhamento de emendas ao Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias e acompanhamento de sua tramitação; **2)** manter, junto ao Congresso Nacional, tratativas para resgatar a integralidade da EC nº 29 e encaminhar cópia deste relatório à Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Conselhos Estaduais de Saúde, Conselho Nacional de Secretários de Saúde, Conselho Nacional dos Secretários Municipais de Saúde, Associação dos Membros dos Tribunais de Contas, Ministério Público Federal, Comissão de Assuntos Sociais do Senado e Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara Federal, para análise e providências; **3)** reiterar o documento “*Parâmetros Consensuais para Implementação e Regulamentação da EC nº 29*” como referência para subsidiar o Congresso Nacional, com vistas à aprovação da Lei Complementar que se refere à EC nº 29; **4)** considerar o presente relatório como contribuição do CNS ao Seminário de Fiscalização Cidadã; e **5)** aprovar o presente relatório e as sugestões nele contidas, considerando-o, como o material de apoio, anexo à ata da reunião. Colocado em apreciação, o relatório foi aprovado. **EXTRA-PAUTA – PLANO NACIONAL DE MOBILIZAÇÃO E INTENSIFICAÇÃO DAS AÇÕES PARA A ELIMINAÇÃO DA HANSENÍASE E CONTROLE DA TUBERCULOSE** - Conselheiro **Cláudio Duarte** fez a apresentação da proposta de ação do Ministério da Saúde, com vistas ao estabelecimento de uma “*Ação Mobilizadora Nacional*”, para eliminação da hanseníase e controle da tuberculose, centrada em seis eixos: **I)** mobilização técnica, política e social em torno das metas de Controle da Tuberculose e Eliminação da Hanseníase; **II)** descentralização das Ações e Mudança do Modelo de Atenção com Reorganização de Serviços; **III)** melhoria da Vigilância Epidemiológica e dos Sistemas de Informação; **IV)** ampliação e qualificação da Rede de Laboratório e Diagnóstico; **V)** garantia de Assistência Farmacêutica, com distribuição descentralizada e acompanhamento dos estoques; e **VI)** capacitação e desenvolvimento de recursos humanos. Esses eixos serão construídos a partir de diversas estratégias e atividades, das quais destacam-se: **1)** criação, através de portaria do Ministério da Saúde, do “*Grupo Nacional para Acompanhamento, Mobilização e Intensificação das Ações para a Eliminação da Hanseníase e Controle da Tuberculose*”; **2)** reforço e ampliação das Equipes Técnicas de Hanseníase e Tuberculose do Ministério da Saúde, das Secretarias Estaduais de Saúde, com contratação e capacitação de gerentes para reforçar as ações ora propostas; **3)** adoção de estratégias específicas para áreas metropolitanas e grandes cidades, descentralização do atendimento de Hanseníase e Tuberculose para todas as Unidades Básicas de Saúde dos municípios prioritários; **4)** educação continuada para os profissionais da rede básica e curso de gestão e gerenciamento para coordenações estaduais; **5)** avaliação e fortalecimento da Vigilância Epidemiológica, uniformizando a utilização do SINAN pelos Municípios e Estados; **6)** produção e distribuição de material técnico e de divulgação; **7)** avaliação e redirecionamento do “*bônus*” para o controle de tuberculose; **8)** garantia de assistência farmacêutica sistemática para Hanseníase e Tuberculose nas unidades básicas de saúde; **9)** pactuação com estados e municípios para ampliar a cobertura do PSF, garantindo 100% de cobertura de Agentes Comunitários de Saúde nos trezentos e vinte e nove municípios prioritários, destacando que nas capitais e/ou grandes cidades a cobertura de 100% dos agentes comunitários de saúde seria para sua áreas prioritárias; **10)** apoio aos esforços dos Agentes Comunitários de Saúde, da família, igrejas, escolas e movimentos comunitários na divulgação da doença e na descoberta de casos, tratamento supervisionado e redução

do abandono; **11)** Campanha Nacional de Mobilização no mês de novembro de 2001; **12)** ampliação de novos centros colaboradores e/ou de referência, integrando-os aos atuais e articulando sua participação nessa Mobilização Nacional, especialmente na área de Pesquisas Operacionais Epidemiológicas, Resistência Medicamentosa, Recidivas, Monitoramento de Eventos Sentinela em Hanseníase e Tuberculose e de Capacitação de Recursos Humanos; **13)** ampliação da participação da sociedade civil, artistas, movimentos sociais e organismos não governamentais, de forma clara e transparente, numa forte ação de cooperação; e **14)** convocação imediata e preparação de quatro encontros macrorregionais, com participação de governadores, parlamentares, prefeitos, secretários de saúde, conselhos de saúde, COSEMS, áreas técnicas de hanseníase, tuberculose, vigilância epidemiológica, assistência farmacêutica, laboratórios, pólos de capacitação de recursos humanos, movimentos sociais, universidades, como estratégia de multiplicação e dinamização da Ação Nacional Mobilizadora, definindo espaços de articulação regional/estadual e municipal, com vistas à eliminação da hanseníase e controle da tuberculose. Conselheiro **Sérgio Magarão** comentou que no Programa de Controle de Tuberculose, hoje em dia, não cabia mais a figura do antigo Tisiologista. Observou que, atualmente, o profissional de saúde, desde que convenientemente treinado, poderia cumprir as medidas recomendadas pelo Programa, salvo nos casos de avaliação e tratamento dos crônicos de multi-resistência bacteriana, quando há a necessidade de médicos especialmente treinados. Discorreu, também, sobre a difícil situação do Programa de Controle da Tuberculose no Estado do Rio de Janeiro, não sendo, contudo, um problema novo, mas, sim, de vários anos. Comentou que a situação era mais grave nos Municípios da Baixada Fluminense e da Grande Niterói, que obtivera graves índices de abandono ao tratamento, resistência primária e adquirida, com frequência, à duas ou três drogas. Destacou que a situação era tão preocupante que caberiam ações especiais voltadas a esses municípios, lideradas pela Secretaria Estadual, abrangendo investimentos na capacitação de servidores e na infra-estrutura, principalmente, quanto à reinstalação de uma rede de baciloscopia, que possa dar suporte ao Programa nesses municípios. Voltou a lembrar a necessidade de restabelecer a posição do Centro de Referência Prof. Hélio Fraga no Programa Nacional e ressaltou a importância para as ações propostas voltadas ao Estado do Rio de Janeiro. Conselheiro **Gilson Cantarino** observou que alguns municípios não haviam tido adesão ao processo de implantação de PACS e PSF e, portanto, não haviam conseguido implementar a vinculação de clientela, gerando, assim, o abandono de tratamento. Considerou, ainda, prematura a dispensa da figura do Tisiologista, sem que esse fosse incorporado à clínica médica, e solicitou maiores esclarecimentos sobre a estratégia mobilizadora em municípios prioritários, no que se refere à Hanseníase e, também, sobre como seriam trabalhadas as lacunas existentes nos sistemas de informação. Conselheiro **Artur Custódio M. de Sousa** parabenizou a iniciativa do Ministério da Saúde, lembrando que o CNS teria muito a contribuir com o processo de mobilização, contudo, manifestou a sua preocupação com relação à utilização do índice referente à “prevalência”, o qual já não estava sendo utilizado pela OMS. Lembrou também, a importância das entidades representadas no CNS se inserirem no Plano de Mobilização e recomendou ao Ministério da Saúde que respeitasse a Lei nº 9.010, quando da produção do material de divulgação. Conselheira **Gyséle Saddi** externou a sua preocupação com relação à questão de reinserção dos indivíduos na sociedade e destacou a importância de articulação dos movimentos sociais, um trabalho de base frente a essa questão cultural. Conselheiro **Lindomar Tomé Lopes** considerou importante o investimento, em âmbito nacional, no serviço ambulatorial e na atenção básica e, também, na qualidade da graduação dos profissionais de saúde. Conselheiro **Carlos Alberto Preto** sugeriu que fosse priorizada a vinculação do Plano de Mobilização com as Equipes de Saúde da Família e de Agentes Comunitários de Saúde. Propôs, também, que fosse produzido um boletim mensal sobre o Plano de Mobilização, a ser distribuído a todas as Secretarias Municipais de Saúde. Conselheiro **Mário Scheffer** observou que alguns municípios possuíam estrutura adequada ao Programa de DST/AIDS e sugeriu que houvesse intercâmbio e colaboração entre os dois programas. Conselheiro **Carlyle G. Macedo** comentou que o aparecimento da AIDS fizera com que o mundo voltasse a reconhecer a Tuberculose como problema prioritário de saúde. Considerou positivo o estabelecimento de mecanismo de coordenação comum à Tuberculose e Hanseníase mas enfatizou a necessidade de atender adequadamente as especificidades respectivas. Considerou injustificável a situação crítica da Tuberculose quando há condições muito favoráveis ao desenvolvimento de um bom programa de controle. Acrescentou que a mobilização nacional estimulará a consciência social sobre as duas doenças, lembrando, entretanto, que a participação fundamental deve se dar no nível local. Conselheiro **Francisco Monteiro** disse que os centros de saúde deveriam ser a base do PSF e do PACS e considerou importante a inserção da discussão da NOB/RH no Plano de Mobilização. Conselheiro **Diógenes Martins** observou que o Programa deveria ser tratado no âmbito das três esferas de governo, sendo absorvidas sugestões dos fóruns estaduais e municipais. Conselheiro **José Carvalho de Noronha** elogiou a iniciativa do Ministério da Saúde, contudo, observou que tuberculose



367 e hansen tinham princípios distintos, que deveriam ser observados, principalmente, no que se refere à  
368 produção de material técnico de divulgação. **Encerramento** - Nada mais a acrescentar e esgotada a  
369 pauta, a reunião foi encerrada. Estiveram presentes os seguintes Conselheiros: **Ana Maria Lima**  
370 **Barbosa, Artur Custódio M. de Sousa, Augusto Alves Amorim, Carlos Alberto Preto, Cláudio**  
371 **Duarte, Carlyle G. Macedo, Cibeles Guerres de Mello Osório, Climério Rangel, Diógenes Sandim**  
372 **Martins, Edmundo Ferreira Fontes, Eliane Cruz, Francisco Monteiro, Gianni Samaja, Gilson**  
373 **Cantarino, Gyzélle Saddi, Henrique de Mesquita, José Carvalho de Noronha, Licínio Affonso de**  
374 **C. Ratto, Lindomar Tomé Lopes, Luiz Gonzaga de Araújo, Maria Helena Baungarten, Maria Lêda**  
375 **de Resende Dantas, Maria Natividade Gomes Teixeira Santana, Mário César Scheffer, Olympio**  
376 **Távora, Sérgio Magarão, Solon Magalhães Vianna, Vera Lúcia Marques de Vita, William Saad e**  
377 **Zilda Arns.**